



CAPAS

Chega?!

A PRETENSA NORMALIDADE BRASILEIRA ATENDE
AOS HÁBITOS MEDIEVAIS DOS GRAÚDOS E DA
POPULAÇÃO MISERÁVEL. ISSO É VIVER A DESGRAÇA

por MINO CARTA

Se Átila, o rei dos hunos, invadisse o Brasil, nada demais aconteceria, nem mesmo a intervenção papal. Como se sabe, depois de ser derrotado duas vezes fora da Itália, Átila invadiu a península e somente foi detido pelo papa: foi ao encontro do huno e o deteve pouco após o início daquela invasão, até hoje não se sabe com quais argumentos. Se o mesmo se desse no Brasil atual, é certo que nada disso aconteceria e o “flagelo de Deus” faria por aqui o que bem entendesse.

Na minha visão, Jair Bolsonaro consegue ser pior, mais temível, de todos os pontos de vista, do que o huno. A reportagem de capa desta edição é um exemplo perfeito da demência destruidora a mover o nosso ex-capitão. O descaso absoluto com a saúde da população é uma prova



Seria ele igual a Messi e Cristiano Ronaldo?

convincente desta situação insuportável. Igual ao huno, Bolsonaro é um destruidor, mas como soberano Átila foi fiel ao seu povo. Invadido o Brasil, seria impossível convocar o papa Francisco para detê-lo e os poderes da República se empenhariam

para exibir a normalidade da situação, como de resto hoje ocorre neste país onde o povo não se tornou nação.

Não é de todo improvável que a revista *Veja* oferecesse ao invasor as suas célebres páginas amarelas para uma entrevista exclusiva, trombeteada de todas as formas. A respeito escreveu na sua coluna do UOL Ricardo Kotscho, para analisar a entrevista de Bolsonaro surgida de inopino com direito à capa da publicação. Comenta meu velho amigo, repórter impecável, uma afirmação de quem dizem ser o nosso presidente: “A chance de um golpe é zero”. Em que outro país civilizado, pergunta Kotscho, o presidente tem a desfaçatez de afirmar: “Vai ter eleição, não vou melar”. Comenta o autor: “Nem Michel Temer conseguiria escrever algo tão objetivo, sem mesóclises”.

Kotscho, indiretamente, faz referência à *Veja* que eu dirigi por oito anos, até que o



Em Teixeira de Freitas, Bahia, Bolsonaro inaugura com a devida pompa 10 km de estrada asfaltada

ditador Ernesto Geisel, com suas pressões, pretendeu o meu afastamento. Um pulha que se diz jornalista e atende pelo nome Mario Sergio Conti publicou um livro em que afirma que a Editora Abril me demitiu. Mentira total porque eu me demiti por não querer uma indenização saída dos bolsos da família Civita. Só não concordo quando, segundo Kotscho, a capa de *Veja* com Bolsonaro é o retrato da decadência da democracia no País. Discordo pela simples razão de que o país da casa-grande e dasenzala foi do futuro, mas nunca democrático, por obra e desgraça de um desequilíbrio social que a cada ano se acentua, e desse ponto de vista põe o Brasil na dianteira dos países mais desiguais.

O que espanta é a inesgotável ficção da normalidade. O presidente do Supremo Tribunal Federal, Luiz Fux, diz, impávido, esperar a indicação de Bolsonaro de um novo ministro, como lhe compete,

porque há tarefas importantes que o esperam, de sorte a apressar os trabalhos do sentinela da Constituição. O mesmo STF que participou ativamente dos golpes que se seguiram aos crimes da Lava Jato, descaradamente destinada, pela dupla Moro/Dallagnol, a condenar e aprisionar, sem provas, Lula, com a pronta conivência do Congresso e da mídia nativa.

Atila empalideceria diante do instinto destrutivo de Bolsonaro. A quantidade de afrontas por ele perpetradas contra o País e os brasileiros já justificaria largamente o seu *impeachment*, mas quantos condenam a sua atuação e mesmo assim se conformam com a perspectiva de um calendário eleitoral escolhido pelos golpistas? Esta é a falsa normalidade brasileira, a ofender quem ainda dispõe de espírito crítico.

A pretensa normalidade acaba por agradar a todos, já que os velhos hábitos medievais ainda guiam as ações dos cidadãos graúdos e da maioria miserável. Nos limites desta falsa normalidade cabe até o esforço desenvolvido freneticamente pelos analistas do futebol nativo para impor Neymar como um dos raros gênios da bola, como se o notório cascateiro fosse comparável a Cristiano Ronaldo e Lionel Messi.

Depois da visita do ex-capitão a Nova York e do seu discurso nas Nações Unidas, seria realmente de excelente alvitre mandar o demente para o hospício, lugar altamente qualificado para abrigá-lo pelo resto da vida. Doloroso é constatar que, de alguma forma, a doença contagia este nosso povo incapaz de reação e mesmo os setores da sociedade ocupados por quem se supõe dotado de intelecto, além de politizado. •